



EIXO TEMÁTICO 4 – VIDA COTIDIANA E PATRIMÔNIO

O GRANDE INCÊNDIO NO BAIRRO CHIADO EM LISBOA, PORTUGAL: A memória de uma tragédia e a valorização do patrimônio na vida cotidiana da capital portuguesa

FERREIRA, LUCIANA S. (1), MATHIAS, GLÁUCIA E. S. A. (2), KRÜGER, PAULO G. V. (3).

1. PPG Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. UFMG.
E-mail: arqlsferreira.bh@gmail.com
2. PPG Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. UFMG.
E-mail: gesamat@gmail.com
3. PPG Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. UFMG.
E-mail: paulovonkruger@gmail.com

RESUMO

Este artigo objetiva avaliar a perspectiva identitária do bairro Chiado em Lisboa, Portugal, após a ocorrência de um incêndio de grandes proporções no ano de 1988. O artigo parte do estudo da intervenção arquitetônica da área atingida, projeto do arquiteto português Álvaro Siza e articula os conceitos de passado, memória e identidade. O arquiteto responsável pelo projeto de recuperação do Chiado prezou por manter as características arquitetônicas das fachadas como forma de preservação do patrimônio local e também por incorporar elementos que facilitassem a fluidez entre os espaços externos. Além da proposta arquitetônica, ações que exaltam a superação ao incêndio (como a realização de um simulacro em 2013 e a instalação de uma placa como marco dos 25 anos do desastre) foram feitas posteriormente como tentativas de situar o ato heroico no imaginário social. A metodologia deste trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica e considerou principalmente os conceitos de passado (Lowenthal, 2006), memória coletiva (Halbwachs, 1990), memória das tragédias (Candau, 2011) e identidade (Cucho et al., 1999 e Castells, 1999). Conclui-se que a memória desta tragédia, a valorização do patrimônio após a recuperação da área do Chiado e as iniciativas de lembrar o ocorrido contribuíram para a formação de uma identidade de resistência em relação à destruição.

Palavras-chave: Incêndio; Patrimônio; Passado; Memória das tragédias; Identidade de resistência.

Introdução

Desde a formação das cidades, diversas edificações de valor cultural e arquitetônico se consolidaram e a preservação destas construções se torna relevante para a manutenção da memória, bem como para a formação da identidade local. Ao serem atingidas por um incêndio, as edificações têm perdas irreparáveis; as consequências são sempre desastrosas e quando este incidente acontece em uma área de interesse histórico, existe a preocupação em preservar as edificações e o acervo nelas existente, além da principal preocupação em salvar vidas. (ALVES, 2003).

Quando uma edificação é danificada ou completamente destruída por um incêndio, é possível que a memória relativa ao local também seja perdida. Esta circunstância comprometeria a formação identitária dos sujeitos, pois a proteção da memória está intimamente ligada à questão da identidade. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva [...]” (Le Goff, 2003, p. 469). Portanto, é notável que ações em defesa da memória do lugar sejam feitas após este tipo de fatalidade.

A primeira seção deste artigo descreve o grande incêndio ocorrido no bairro Chiado em Lisboa no ano de 1988 e a mudança na vida cotidiana deste espaço após o sinistro. A ocorrência deste incêndio deixou marcas de destruição no Chiado, considerado o “coração de Lisboa” (Martins e Piteira, 2018) e provocou danos às edificações centenárias, além de ter ocasionado perdas humanas. Foi considerado o pior desastre da capital portuguesa desde o terremoto ocorrido em 1755. Esta parte ainda descreve a concepção do projeto do arquiteto português Álvaro Siza para recuperar a área incendiada e cita as ações que relembrou o ocorrido quando o incêndio completou 25 anos.

A segunda seção apresenta uma reflexão teórica que entrelaça os conceitos de memória, passado e identidade ao estudo de caso. A memória, a princípio conectada ao sujeito, pode ter uma percepção coletiva, já que os sujeitos convivem em sociedade e em poucos momentos estão verdadeiramente sozinhos, fora de um contexto social. A memória de uma tragédia pode ligar o passado ao presente de uma forma negativa, porém, é possível que haja o “[...] embelezamento de lembranças desagradáveis [...]” (CANDAU, 2011, p. 66) e a consequente criação de uma identidade baseada nesta memória. Neste contexto, este artigo busca analisar as motivações para a formação identitária do bairro Chiado neste cenário após a destruição.

O grande incêndio no bairro Chiado em Lisboa, Portugal (1988) e a proposta de recuperação da área atingida

Considerada a segunda maior tragédia da capital portuguesa, o incêndio que aconteceu em Portugal em 25 de agosto de 1988 teve um impacto no imaginário social e motivou questionamentos diversos. Estas reflexões se relacionam à conscientização prevencionista, que se destina a evitar a ocorrência de novos sinistros ou se referem ao passado vivido e às lembranças decorrentes daquela calamidade. Segundo Nascimento (2014), Lisboa foi marcada por duas grandes catástrofes ao longo de sua história: o terremoto em 1755 e o grande incêndio de 1988. Com relação ao terremoto, seu impacto foi tão forte que foi sucedido por um maremoto com grandes ondas que chegaram ao centro da cidade; onde não havia água do mar, havia fogo, que se alastrou devido ao desmoronamento causado pelas movimentações sísmicas. Alguns autores relatam que havia diversos focos de incêndio por toda Lisboa que perduraram por dias até que as chamas se apagassem. Estima-se que cerca de dois terços da cidade tenha sido devastada neste desastre. A destruição das edificações era geral; com a danificação das cadeias, houve fuga de criminosos e saques em todos os lugares. O caos se instalou e o cenário era de uma verdadeira guerra vista por moradores atônitos, sem saber o que fazer e como sair daquela situação nunca antes vivenciada.

É notável pela descrição de Nascimento (2014) a enorme devastação provocada pelo abalo sísmico, que originou prejuízos tanto de ordem material quanto psicológica para os habitantes de Lisboa. Era necessário que a cidade partisse em busca da reorganização da sua estrutura urbana para viver uma nova realidade. Uma das premissas das autoridades era que deveria haver uma proposta arquitetônica e urbana coerente com a cidade a ser reedificada e que uma mesma linha de ideias fosse seguida, evitando-se qualquer tipo de arquitetura de emergência. Era desejável que um discurso único e pragmático fosse adotado para o sucesso de todo o processo.

Algumas edificações que apresentavam risco de ruptura ou de entrar em colapso estrutural tiveram de ser demolidas de imediato. Conforme Lima e Neto (2007, p. 39), “Demolir, arrasar aquilo que as catástrofes haviam debilitado era, antes de tudo, uma medida de prevenção, no sentido de evitar derrocadas não intencionais e causadoras de perdas inesperadas”. Houve intervenção em quase toda a parte baixa da cidade e o processo foi bastante lento, devido principalmente à grande quantidade de entulhos na área e por falta de comprovação das propriedades. O plano de reconstrução da área atingida pelo terremoto, datado de 1780, contemplou a união da parte da cidade a ser reedificada e a

parte que resistiu ao abalo sísmico. “Esta costura resultou numa ligação harmoniosa entre novo e antigo tanto a nível formal e ideológico como a nível funcional”. (NASCIMENTO, p. 41, 2014). No século XIX, após a conclusão das obras na área, as pessoas conseguiram voltar a frequentar o local e a rotina começou a se recuperar na microrregião de Lisboa. Quando a ocorrência do terremoto completou 250 anos, jornadas de estudos motivaram a produção de pesquisas em diversos campos do conhecimento, tal qual Lima e Neto (2007). Foram feitas campanhas que reforçaram o caráter destrutivo do terremoto para que as pessoas fossem informadas sobre o tema. Ademais, estas campanhas motivaram a lembrança dos impactos sofridos pelos moradores de Lisboa, o que direcionou à conscientização sobre as intervenções urbanísticas feitas após o incidente.

Muitos anos após o acontecimento deste terremoto, a cidade de Lisboa enfrentaria novamente outra extensa fatalidade. O grande incêndio ocorrido em Lisboa na década de 1980 trouxe grande destruição ao Chiado, tradicional bairro da capital portuguesa. O Chiado, segundo Nascimento (2014), é uma área de transição entre as partes alta e baixa da cidade de Lisboa; o bairro Chiado, além de ser moradia ou local de trabalho, configura ainda zona de passagem para muitas pessoas. O incêndio, tal qual Martins e Piteira (2018), atingiu uma área com baixo uso residencial, dedicada em sua grande parte a serviços e comércios. De acordo com Pollum (2016), as investigações apontaram que as chamas tiveram início no edifício Armazém Grandella, situado na Rua do Carmo, devido a um curto circuito. Mesmo após muita investigação, a causa do incêndio ainda permanece incerta anos após o incidente, conforme Martins e Piteira (2018).



Figura 1: Vista da Rua Garrett e do edifício Armazéns do Chiado após o incêndio de 1988. Fonte: Avelar, 2020.

Além do edifício Armazém Grandella, outro edifício de destaque daquele conjunto é o edifício Armazéns do Chiado, conforme a figura 1, que abrigava diversos materiais favoráveis à proliferação do fogo. No interior destas e de outras edificações próximas, havia mercadorias inflamáveis, o que ocasionou o aumento das chamas em pouco tempo. Nenhuma das construções possuía sistema de detecção e combate a incêndio; em poucas horas, os edifícios foram consumidos pelo fogo. (NASCIMENTO, 2014).

Várias foram as adversidades no combate ao incêndio no Chiado, segundo Fernandes e Fidalgo (2020). A dimensão do incêndio promoveu grande aumento da temperatura e era difícil para os bombeiros suportarem o intenso calor proveniente das chamas; alguns equipamentos essenciais para combate ao incêndio, como as mangueiras e hidrantes, não estavam em bom estado ou não funcionaram. O grande número de curiosos que se aproximava do local também dificultou o trabalho dos bombeiros. As pessoas estavam atordoadas com a situação e se aglomeravam na zona do sinistro, impossibilitando que os bombeiros pudessem fazer a interdição da zona de ação corretamente. Conforme 25 de agosto [...] (2018), este incêndio deflagrou 18 edifícios; duas pessoas morreram (um combatente e um residente), cinco famílias ficaram desabrigadas e diversas ficaram desempregadas.

A implantação que compreende as edificações muito próximas umas das outras e a presença de materiais combustíveis não somente no interior dos prédios, mas também como elemento construtivo dos mesmos, levou a uma rápida propagação do fogo. Ainda, as ruas estreitas do Chiado configuraram características desvantajosas à extinção do fogo. A limitação da largura das ruas, segundo Alves (2003), não permite o ângulo adequado para o lançamento de jatos de água ou qualquer outro agente extintor, o que torna ineficiente o combate ao incêndio. Foi necessário, além da ação imediata de controle do fogo, que os bombeiros permanecessem no local onde havia ocorrido o incêndio por cerca de dois meses para a remoção dos escombros, de acordo com o Diário de Notícias de Lisboa. (25 DE AGOSTO, 2018).

A concepção do projeto de restauração¹ do Chiado, conforme Nascimento (2014), deveria ser eficiente e contemplar o histórico da área. O projeto elaborado após o sinistro pelo arquiteto Álvaro Siza objetivou resgatar a atmosfera cotidiana e a essência original do bairro. Para o arquiteto, o incêndio não era motivo para inserir uma arquitetura distinta no local, devido ao fato de que ele já possuía um sítio histórico arraigado de memórias. O período de

¹ Os termos “restauração”, “reconstrução”, “reconstituição” ou outros aparecem de maneira genérica se referindo às obras realizadas após o incêndio no Chiado. Este artigo não tem o intuito de classificar tais obras em seu tipo de intervenção arquitetônica no âmbito da conservação e do restauro.

reconstrução do Chiado se prolongou por muitos anos, porém, algumas medidas para sanar os problemas de acessibilidade ao local após o incêndio tiveram que ser feitas prontamente. Uma mudança na vida cotidiana dos frequentadores da área ocorreu devido ao período das obras no Chiado, que antes era um bairro bastante dinâmico e foi forçado a interromper suas atividades por causa daquele sinistro. (CARDIM, 2017).



Figura 2: Divisão em blocos A, B e C que embasou a concepção do projeto do arquiteto Álvaro Siza para o Chiado após o incêndio de 1988. Fonte: Nascimento, 2014.

Álvaro Siza, conhecido como o Arquiteto do Porto segundo Duarte (2019), considerou os espaços subutilizados, que ganharam novo uso; os fluxos e toda a dinâmica foram ressignificados de modo a manter os elementos existentes. Houve o acréscimo de unidades modernas para que a fluidez dos espaços externos do bairro não fosse interrompida. De acordo com o Diário de Notícias de Lisboa (25 DE AGOSTO, 2018), a percepção que se tinha após o incêndio era que somente as paredes das edificações tinham restado do velho Chiado, em conformidade com a figura 1, e que todo o restante havia sido consumido pelo fogo. Tendo em vista que as paredes haviam suportado o incêndio, Siza planejou adaptar o que era possível para não alterar as fachadas nem a volumetria original das edificações, conforme Nascimento (2014). Foram criados pátios centrais que conectam pontos importantes do bairro e contrastam com a malha estreita dos quarteirões do Chiado, além de considerar a construção de acessos que ligam a parte baixa à parte alta da cidade, tendo como ponto de partida o edifício Armazéns do Chiado. Tanto nas obras de reedificação da área atingida pelo terremoto quanto nas construções na área deflagrada pelo incêndio no Chiado, o passado foi considerado e teve sua importância realçada. Apesar de que em alguns casos a destruição foi inevitável e irreversível, em outros casos foi possível adaptar as edificações remanescentes a uma nova realidade urbana.

Para melhor ordenar a estratégia da intervenção, tal qual Nascimento (2014), o projeto de reconstrução do Chiado foi dividido em três blocos, conforme a figura 2. O bloco A possui cerca de 200m² de área; este bloco apresentou em seu projeto um novo conceito de espaço urbano, constituído por um pátio central que valoriza a estrutura existente. Situado entre as Ruas Ivens, Garrett, Nova do Almada e Calçada Nova de São Francisco, sua reconstrução foi fiel à situação original. A intervenção feita por Álvaro Siza integrou antigas ruas e criou um pátio interno para a utilização do público, permitindo maior integração neste ambiente pouco aproveitado anteriormente. Este espaço amplo e aberto contrapõe à malha apertada dos quarteirões do Chiado.



Figura 3: Um exemplo de acesso que conecta os blocos na intervenção arquitetônica do Chiado, projeto do arquiteto Álvaro Siza. Krüger, 2018.

Localizado entre a Rua Garrett, a Rua do Carmo, a Calçada do Sacramento e o Convento do Carmo, o bloco B também possui um pátio interno que articula pontos importantes do bairro. O projeto prezou pela criação de percursos para unir as partes alta e baixa da cidade. Algumas fachadas que antes ficavam ocultas pela proximidade entre as edificações foram evidenciadas por causa da criação de amplos pátios.

O bloco C possui duas edificações peculiares e com significado histórico de grande importância para a cidade. Localizada entre as Ruas do Carmo, Nova do Almada, Áurea e Crucifixo, esta quadra abriga os expressivos edifícios Armazém Grandella e Armazéns do

Chiado. O edifício Armazéns do Chiado, conforme figura 4, configura um importante símbolo e se destaca nesta visada, pois se enquadra exatamente no centro, considerando o ponto de vista do observador na Rua Garrett. Foi também através desta edificação icônica que o arquiteto Álvaro Siza projetou o acesso à estação de metrô Baixa-Chiado, circulação possível devido à grande diferença de nível existente no local. Este acesso é feito através de escadas rolantes que levam à estação e foi um importante eixo de ligação do Chiado ao restante da cidade. (NASCIMENTO, 2014).



Figura 4: Edifício Armazéns do Chiado e a visada da Rua Garret. Krüger, 2018.

A recuperação da área atingida pelo incêndio tentou valorizar a memória coletiva através da preservação das fachadas dos edifícios mais importantes daquele sítio. Ainda, com a manutenção do uso comercial e a proposta de otimização dos fluxos com a criação dos pátios, o ambiente permaneceu movimentado após a conclusão das obras, o que remete à vida cotidiana no Chiado antes do incêndio. Segundo Machado (2013), no dia 25 de agosto de 2013, quando o desastre completou 25 anos, a Câmara de Lisboa promoveu a realização de uma demonstração (simulacro) de como havia sido feita a retirada das vítimas e toda a ação dos bombeiros no dia do incêndio. A realização deste simulacro pode vir a ser incorporada como uma tradição no bairro, um ato simbólico tanto para valorizar a memória coletiva quanto para fins turísticos. Houve também, como marco dos 25 anos do desastre, lançamento de livros (um deles do próprio arquiteto Álvaro Siza sobre o planejamento para o Chiado) e a inauguração de uma placa informativa sobre a ocorrência do incêndio na Rua do Carmo. Segundo Lowenthal (2006), o significado do passado tem maior possibilidade de permanecer se ele for nomeado ou identificado. Esta identificação é feita na maioria das vezes por placas, que marcam um passado visível ou invisível. No exemplo do Chiado, a

placa se refere a um passado concreto, considerando as edificações que puderam ser restauradas, ou a um passado abstrato, considerando a própria ocorrência do incêndio.

A reedificação da área sinistrada, através da execução do projeto, devolveu ao Chiado a sua vitalidade. É possível afirmar que a ocorrência do incêndio ainda seja parte do imaginário social dos frequentadores, mesmo que não tenham vivido aquela catástrofe, o que contribui para a construção de uma nova identidade baseada naquela memória.

Passado, memória e identidade: conceitos que sustentam a valorização do patrimônio cultural após o incêndio do bairro Chiado

A memória é um elemento que pode contribuir para a formação da identidade. “[...] De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução”. (CANDAU, 2011, p. 19). A ocorrência do incêndio no bairro Chiado e a recuperação da área marca a construção de uma nova identidade local baseada na memória e no passado.

O estudo da memória se torna importante nesta situação para compreender a dinâmica da reestruturação do bairro Chiado. A definição de memória está ligada primeiramente ao sujeito, considerando o que ele é capaz de apreender e memorizar. Conforme Halbwachs (1990), é possível refletir sobre duas maneiras de se estruturar as memórias: a primeira seria em torno de um sujeito específico, considerando a sua perspectiva, o seu pensamento. A segunda leva em conta a memória coletiva, lembranças que se diluem em determinada sociedade, visto que o sujeito não está isolado, mas em constante interação com outras pessoas de seu meio social. Amparado por esta proposição, o autor, que se dedicou principalmente ao estudo da memória coletiva, traz a reflexão de que “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros [...]”. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Conversas sobre o passado fazem parte do nosso cotidiano e diversas lembranças são afloradas. Entretanto, nem toda lembrança tem bons significados para quem viveu determinada situação. No contexto de uma tragédia, como o incêndio no Chiado, as lembranças podem ser traumáticas e as pessoas envolvidas podem não querer se lembrar do ocorrido. Por outro lado, segundo Lowenthal (2006), mesmo memórias terríveis podem motivar a formação do sentimento de nostalgia, classificada por ele como uma memória com

sofrimento reduzido. Na visão do autor, a vida no passado parece ter sido mais interessante não necessariamente porque as situações eram melhores, mas porque a vida é vivida com mais intensidade na juventude. O passado se faz tão importante que, em conformidade com o mesmo autor, aqueles que não têm ligações com o tempo decorrido de certa forma necessitam encontrar sua identidade em outras formas de passado, pois remeter a este último é crucial para a formação da identidade.

Considerando a afirmação de Lowenthal (2006), que mesmo memórias angustiantes podem contribuir para a formação da identidade, trata-se neste ponto da memória das tragédias. De acordo com Candau (2011), é possível que a memória produza sentimentos ameaçadores e perturbadores, como no caso das pessoas que passaram pela experiência de um incêndio. Neste cenário, a força da memória pode ser assustadora e causar repúdio ao invés de contribuir para a formação da identidade de um sujeito ou de um grupo. Além do mais, esta memória traumática pode afetar não somente quem passou por aquela experiência, mas também a quem conviveu com indivíduos que relatavam as vivências da calamidade. A memória das tragédias pode se associar à memória coletiva, já que é possível que uma pessoa experimente a memória dos seus ancestrais mesmo não tendo vivido determinada catástrofe. “[...] mesmo para os descendentes das vítimas, a memória da tragédia é muitas vezes pesada demais para carregar”. (CANDAU, 2011, p. 155).

A memória das tragédias “[...] deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes ou amigos tenham sofrido, modificando profundamente suas personalidades”. (CANDAU, 2011, p. 151). Entretanto, é importante compreender que grupos que apresentam as memórias de tragédias prosseguem com base nas lembranças vividas e na vontade de ter seus sofrimentos reconhecidos. Logo, a lembrança da fatalidade, ao invés de ser somente algo a ser esquecido, pode embasar a formação da identidade estruturada naquela memória.

Dessa forma, pode-se falar sobre a tentativa de construção de uma nova identidade após o incêndio no Chiado. A identidade, segundo Cuche et al. (1999), é construída e reconstruída frequentemente nas trocas sociais. “A identidade existe sempre em relação a uma outra.” (CUCHE et al., 1999, p. 183). A identidade necessita, portanto, ser reconstruída para se adaptar às mudanças contemporâneas. Neste estudo de caso, a interrupção repentina da convivência dos que frequentavam o bairro mostra a necessidade e a urgência de embasamentos para a reconstrução identitária, suportes que podem ser a própria memória e a valorização do patrimônio afetado pela tragédia.

Para Castells (1999), a formação da identidade pode partir de fatores intrínsecos ao sujeito ou de fatores externos. São três as formas de construção da identidade considerando as influências externas ao sujeito: a primeira é classificada como identidade legitimadora, aquela imposta por meios de dominação; a segunda é a identidade de resistência, formada por indivíduos na condição de dominados; a última é a identidade de projeto, que objetiva a formação de uma nova identidade. A identidade de resistência pode se relacionar a princípio a aspectos sociais, nos quais determinadas instituições ou grupos se impõem a outros, deixando os mais fracos na condição de dominados. Neste sentido, é possível associar que o incêndio, mesmo não sendo um ator social ou uma instituição capazes de intencionalmente se fazer prevalecer sobre alguém, foi um elemento dominante, uma vez que atingiu proporções incontroláveis e não deixou outra alternativa à população a não ser se render àquele ocorrido. Na condição de dominados pelo incêndio, a resistência pode não ter sido imediata, mas pode ter aparecido ao longo dos anos com práticas que se negaram a aceitar a destruição.

No caso do terremoto em Lisboa, por exemplo, chegou a ser considerada a ideia de se abandonar a área destruída e iniciar uma nova concepção urbana longe dali, segundo Nascimento (2014)². Após discussões com os líderes envolvidos, concluiu-se que o abandono do local atingido não seria uma solução ideal e o melhor seria um projeto para recuperar as edificações da área. Neste debate, repensando a condição do Chiado após o incêndio, surge o questionamento: qual seria, afinal, o motivo de se optar por preservar os exemplares arquitetônicos danificados naquela fatalidade? Este questionamento pode não ter uma resposta única, mas é possível pensar como justificativa a relação entre memória, identidade e materialidade. Para Gonçalves (2015), há a hipótese de que a permanência do objeto garantiria a continuidade da memória ou da identidade e, por outro lado, a aceitação da sua destruição poderia levar ao esquecimento. Esta definição é problematizada por alguns autores que acreditam que não necessariamente a materialidade é capaz de evocar as memórias; a destruição em si pode ser um princípio gerador de identidades. (GONÇALVES, 2015).

Um exemplo de concepção arquitetônica que prezou pela aceitação da destruição foi a Igreja do Carmo, edificação deixada em ruínas próxima ao Chiado. Tal qual Miranda (2016),

² Manuel Maia, nomeado pelo Marquês de Pombal para propor soluções para a área destruída pelo terremoto, enumerou cinco estratégias de reconstrução. Da primeira à quarta, eram considerados aspectos que uniriam a área devastada a uma nova formulação urbana, levando em conta a limitação da altura das edificações ou largura das vias, desejando ainda novos arruamentos. Na quinta estratégia, “[...] a Lisboa destruída seria completamente abandonada, com o intuito de criar uma nova cidade que tomasse o lugar da agora destruída, entre Alcântara e Pedrouços”. (NASCIMENTO, 2014, p. 43).

esta igreja, localizada no Largo do Carmo, foi danificada pelo terremoto de 1755 e ainda sofreu um incêndio decorrente daquele sismo. As ruínas abrigam atualmente o Museu Arqueológico e o conceito do projeto proporciona ao visitante a sensação de estar em meio aos escombros; nem mesmo a cobertura da igreja foi refeita. A materialidade permaneceu, mesmo que de forma bem distinta da original e remete a um acidente recém ocorrido, pois optou-se por deixar as marcas da destruição visíveis.

O conceito do projeto de Álvaro Siza para o Chiado, ao contrário da proposta para a Igreja do Carmo, prezou pela manutenção da materialidade que lembrasse o que um dia existiu antes do incêndio. Mesmo sabendo que a ocorrência do incêndio e a consequente destruição também poderiam contribuir para a formação identitária no futuro, acreditou-se que a valorização do patrimônio e a manutenção do suporte visual para embasar a memória seriam os mais apropriados. Assim sendo, a realidade concreta do novo Chiado é mesclada com a imaterialidade do ocorrido e o fato da cidade ter conseguido se reerguer exalta um passado heroico que quer ser revivido para não cair no esquecimento.

Considerações finais

Apesar da grande destruição decorrente do incêndio no Chiado, a rotina foi retomada com o intenso fluxo de pessoas que transita no local diariamente. Em uma matéria de Botelho no ano de 2018, o Chiado se mostrava muito movimentado e com grande quantidade de turistas que diariamente visitavam o local. Algumas lojas antigas ainda permaneceram, porém, outro tipo de comércio de franquias internacionais foi instalado naquele ponto. Trinta e dois anos se passaram desde o incêndio no Chiado; com a pandemia de Covid-2019, muitos espaços no mundo todo que antes eram movimentados foram forçados a interromper as atividades para inibir o trânsito de pessoas e consequentemente dificultar a propagação do vírus e esta situação não foi diferente em Lisboa. Conforme Covid-19 (2020), os lojistas do Chiado estão apreensivos com a influência da pandemia no comércio, temendo até mesmo que as lojas daquele centro histórico se fechem permanentemente. As dívidas e a falta de acesso a crédito configuram as principais causas.

Os edifícios mais importantes que suportaram o incêndio foram recuperados, apesar de terem tido o interior reestruturado. As edificações ou partes destruídas não foram simplesmente deixadas de lado ou esquecidas. Era necessário valorizar o passado, fator essencial que dá sentido à nossa própria existência, segundo Lowenthal (2006). Através da valorização da memória, que liga o presente ao passado, esta intervenção veio mostrar aos

sujeitos as suas bases identitárias, que podem ser um suporte para a formação da uma nova identidade no futuro. A memória da tragédia do Chiado pode ter sido frustrante para quem teve perdas de qualquer espécie ou proporção. Porém, a retomada do uso comercial do Chiado após o sinistro possibilitou a criação de novos vínculos sociais. “[...] o que importa é a capacidade dessa memória em criar laços entre os homens”. (CANDAU, p. 191, 2011).

As ações de simulação do ocorrido, representando como o incêndio e o resgate ocorreram, direcionam à questão da consciência em aspectos de segurança e valorização da vida. Pode-se dizer que o reestabelecimento da área sinistrada no Chiado configura um exemplo de identidade de resistência (Castells, 1999) no que se refere ao ato de não ceder ao infortúnio e na capacidade de se reerguer frente à tragédia, não apenas materialmente, pela recuperação dos edifícios e valorização do patrimônio, mas da retomada do seu uso. Significa, portanto, uma ação local de preservação do patrimônio que se projeta ao global, pois os visitantes têm evidências do passado vivenciado e têm a oportunidade de refletir sobre a tragédia, bem como considerar tais ponderações para outros campos das suas próprias vidas. Pode-se dizer, assim, que uma nova identidade foi construída e adaptada a uma realidade concreta que se mescla com a imaterialidade do ocorrido, evidenciando um passado que ora quer ser esquecido, ora quer exaltar seu caráter heroico.

Referências Bibliográficas

25 DE AGOSTO de 1988. O dia em que ficaram só as paredes do velho Chiado. *Diário de Notícias*, Lisboa, 25 ago. 2018. Disponível em: < <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/25-ago-2018/25-de-agosto-de-1988-o-dia-em-que-ficaram-so-as-paredes-do-velho-chiado--9759909.html>>. Acesso em: 24 out. 2020.

ALVES, Rildo Marcelo. *Análise de risco de incêndios em edificações em sítios históricos*. 2003. 132 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/6166/3/DISSERTA%C3%87%C3%83O_An%C3%A1liseRiscoInc%C3%AAndio.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

AVELAR, Rita Silva. Recordar o incêndio que deflagrou nos armazéns Grandella do Chiado. *Máxima*, Lisboa, 25 ago. 2020. Disponível em: < <https://www.maxima.pt/atual/detalhe/recordar-o-incendio-que-deflagrou-nos-armazens-grandella-do-chiado>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

BOTELHO, Pedro Soares. O fogo pode ter doído, mas trinta anos depois, o Chiado ainda parece o Chiado. SAPO. Lisboa, 28 ago. 2018. Disponível em: <<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-fogo-pode-ter-doído-mas-trinta-anos-depois-o-chiado-ainda-parece-o-chiado>> . Acesso em: 05 nov. 2020.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARDIM, Valter Carlos. O Chiado De Outrora, O Chiado de Agora: Difusão da Moda, Urbanização e Revitalização de Zonas Históricas. *ModaPalavra e-periódico*, v. 10, n. 20, p. 070-083, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/9724>>. Acesso em: 24 out. 2020.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COVID-19: Comerciantes da baixa de Lisboa avisam que muitas lojas vão fechar. *Publico*, Lisboa, 1º abr. 2020. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/04/01/local/noticia/covid19-comerciantes-baixa-lisboa-avisam-lojas-vao-fechar-1910551>> . Acesso em: 06 nov. 2020.

CUCHE, Denys; PEREIRA, Miguel Serras; GANDRA, Fernando. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DUARTE, Yuri de Souza. *Arquitetura portuguesa: da Escola do Porto à Escola do Siza*. 2019. 134 f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Estudos Urbanos e Regionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27292>> . Acesso em 25 out. 2020_

FERNANDES, Ana Sá; FIDALGO, António. Relembrar o grande incêndio de Lisboa 30 anos depois. *Territorium*. 27 (II), 2020, 143-158. Disponível em: < https://impactum-journals.uc.pt/territorium/article/view/1647-7723_27-2_12 >. Acesso em: 21 nov. 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. *Estudos históricos*. (Rio de Janeiro), v. 28, n. 55, p. 211-228, 2015.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais. 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5.ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LIMA, Madalena Costa; NETO, Maria João Baptista. Duas catástrofes históricas: o grande incêndio de Londres e o terramoto de Lisboa de 1755—efeitos no Património Artístico e atitudes de recuperação. *Conservar património*, n. 25, p. 37-41, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5136/513654154005.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2020.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MACHADO, Catarina Durão. Lisboa assinala hoje os 25 anos do incêndio que destruiu o Chiado. 2013. *Público*, Lisboa, 25 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2013/08/25/jornal/lisboa-assinala-hoje-os-25-anos-do-incendio-que-destruiu-o-chiado-26994191>>. Acesso em: 24 out. 2020.

MARTINS, Andreia; PITEIRA, Sara. Um fogo no coração de Lisboa. O incêndio do Chiado foi há 30 anos. 2018. *FTP*, Lisboa. 26 ago. 2018. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/pais/um-fogo-no-coracao-de-lisboa-o-incendio-do-chiado-foi-ha-30-anos_es1094952> . Acesso em: 25 out. 2020.

MIRANDA, Cybelle Salvador. Ruínas, duração e patrimonialidade. *RUA*, Campinas, São Paulo, V. 22, n. 2, p. 407-424, 2016.

NASCIMENTO, João Miguel Antônio. *Álvaro Siza Vieira e o plano do Chiado*. 2014, 131 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitectura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/749>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

POLLUM, Jessica. *A segurança contra incêndio em edificações históricas*. 2016. 332 p. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/175302>>. Acesso em: 24 de out. 2020.



12º Mestres e Conselheiros: patrimônio como ação local
Evento online – 02 a 04/12/2020